

Por uma Incursão Etnográfica Sociointeracional: Entendimento e Adequação Cultural

Alban Aminou Zossou¹

Resumo

O intuito desta proposta é trazer nossa experiência de coleta de dados, no âmbito da realização do nosso projeto de mestrado, direcionado na linha de pesquisas da Sociolinguística Interacional (Hanks, 2008). Com efeito, de dezembro de 2018 até março de 2019 e de junho de 2019 até agosto do mesmo ano, desenvolvemos trabalho de campo na República do Benim (África Ocidental), na comunidade de fala FON, em três cidades histórica, cultural e linguisticamente representativas no País, com a finalidade de investigar o fenômeno do Code Switching entre o Fongbé ou Fon e o Francês, tema da nossa dissertação a sair no presente ano (Zossou, 2021). Essa nossa incursão em campo fez com que passássemos por situações inéditas e extraordinárias que fortaleceram o nosso crescimento pessoal, acadêmico e, sobretudo, proporcionaram a efetivação do nosso propósito de pesquisa. Desse modo, a discussão deste trabalho se desenrolará a partir destes questionamentos: como foi coletar dados de interação dentro desta comunidade? E o que precisamos saber para cumprir esse propósito? As referências deste estudo são, entre outras, Angrosino (2009) e Gil (2002).

Palavras-chave: Pesquisa de campo; Língua Fon; Sociolinguística Interacional; Code Switching.

For a Socio-Interactional Ethnographic Incursion: Cultural Understanding and Adequacy

Abstract

The purpose of this proposal is to bring our experience of data collection, within the scope of the realization of our master's project, directed in the line of research of Interactional Sociolinguistics (Hanks, 2008). In effect, from December (2018) to March (2019) and from June (2019) to August of the same year, we developed fieldwork in the Republic of Benin (West Africa), in the FON-speaking community, in three historic, cultural and linguistically representative cities in the Country, with the purpose of investigating the phenomenon of Code Switching between Fongbé or Fon and the French, theme of our dissertation to come out in this year (Zossou, 2021). Our foray into the field led us to experience unprecedented and extraordinary situations that strengthened our personal, academic growth, and, above all, provided the fulfillment of our research purpose. Thus, the discussion of this work will unfold based on these questions: how was it to collect interaction data within this community? And what do we need to know to fulfill that purpose? The references of this study are, among others, Angrosino (2009) and Gil (2002).

Keywords: Field research; Fon Language; Interactional Sociolinguistics; Code Switching.

¹ Mestrando em Sociolinguística pela Universidade de Brasília/Brasil. Graduado em Letras-Espanhol pela Universidade de Abomey-Calavi/ Benim. Graduando em Letras-Português do Brasil como Segunda Língua pela Universidade de Brasília. Correo electrónico: albanio2015@gmail.com

Recibido: 14 de marzo 2021
Aceptado: 30 de abril 2021

Introdução

Elaborar um projeto de pesquisa é querer responder a uma preocupação e/ou buscar informações e elementos elucidativos sobre problemas que ainda não têm respostas ou informações suficientes para serem desvendados (Gil, 2002). No caso deste nosso estudo², pretendemos apresentar o percurso etnográfico da pesquisa de campo no Benin para coleta de dados sobre um fenômeno linguístico recorrente no País, o code-switching (CS), que ainda não foi explorado academicamente como deveria, posto que a produção científica na área é escassa e poucas obras podem ser consultadas sobre o tema, como Tossa (1998), Fadairo (2001) e Hakibou (2017). Para tanto, escolhemos adotar como métodos de pesquisa os paradigmas positivista e interpretativista. Por mais que os dois tragam olhares diferentes, aspectos teóricos de ambos em conjunto são importantes para a captação do máximo de informações sobre o fenômeno linguístico de nosso interesse. Na continuidade, decidimos delimitar e apresentar algumas comunidades de falantes nativos Fon (as mais representativas), com intuito de ressaltar tudo o que sustém a vida sociolinguística e econômica dessas comunidades. Por fim, apresentamos todo o processo de coleta de dados, sobretudo, os participantes e os diversos contextos que proporcionaram a coleta desses dados.

1. Paradigmas de pesquisa

No presente estudo, o desenvolvimento do trabalho de campo com a Língua e as comunidades Fon do Benin tem como foco a pesquisa qualitativa, porém, por uma questão de visibilidade da amostra, frequência de usos e contextos de Code-Switching, há complementação com elementos do paradigma quantitativo. Cada um desses paradigmas possui normas e visões diferentes, mas os dois têm pontos de

² Uma prévia deste estudo foi apresentado no XXIII Congresso Internacional de Humanidades do Chile, em 2021.

encontros que podem trazer importantes contribuições para nosso trabalho. Aqui, então, eles figuram como base para comparação.

O trabalho de cunho qualitativo consegue abranger a possibilidade de versar sobre as formas de acontecimentos do CS, interpretando os elementos sociais e, quiçá, linguísticos que proporcionam esse acontecimento nas cidades estudadas (a serem descritas logo mais) e, se possível, estabelecer uma relação entre elas. Por seu turno, o trabalho de cunho quantitativo consegue fornecer suporte para se estabelecer as relações percentuais de frequências das ocorrências de CS nos diferentes contextos das cidades focalizadas e, posteriormente, organizar gráficos comparativos entre elas. Na sequência, tratamos desses dois paradigmas.

Em linhas gerais, a pesquisa quantitativa trata-se de uma das metodologias de pesquisa mais usadas dentro da academia e, sobretudo, nas áreas sociais e humanas. Sua elaboração facilitou bastante as pesquisas e proporcionou grandes resultados acadêmicos. Ela começou no século XX com o filósofo Auguste Comte e provém do positivismo que entende que: “[...] a realidade é aprendida por meio da observação empírica. As descobertas se dão pela via da indução, que é o processo de chegar a regras gerais pela observação das regularidades (Bortoni-Ricardo, 2011, p. 14)”.

O pesquisador procura sempre relações causais entre dois ou mais fenômenos no paradigma positivista. Ele precisa estabelecer uma conexão entre uma ou mais variáveis independentes, buscando uma relação entre os fenômenos, mais propriamente uma variação concomitante. Quando ele obtém evidências confiáveis dessa relação, ele pode generalizar a evidência para casos análogos. Dessa forma, a pesquisa positivista também chamada metodologia quantitativa procura estabelecer relações de causa e consequência entre um fenômeno antecedente, que é a variável independente, e um fenômeno consequente, que é a variável dependente.

Dessa explicação, podemos depreender que o pesquisador não deve tomar seus conhecimentos prévios como referência para sua pesquisa, mas focar nos fatos empíricos e coletar o máximo de dados possíveis para confirmar suas hipóteses (Bortoni-Ricardo, 2011). Nesse caminho, é preciso encontrar meios de lidar com o

chamado *paradoxo do observador*, ou seja, com a necessidade de coletar dados naturais para a pesquisa sem, no entanto, interferir no ambiente em que a recolha de dados é feita. Além disso, deve-se levar em consideração dois postulados norteadores da condução da pesquisa positivista: a certeza sensível e a certeza metodológica. Para o primeiro postulado, a realidade consiste naquilo que os sentidos podem perceber; e para o segundo, a investigação científica procede de acordo com métodos rigorosos e sistemáticos.

Ao fazer o elo na aplicabilidade da metodologia positivista nos estudos de línguas em uso, a Sociolinguística quantitativa teve como precursor o linguista americano William Labov, cujos trabalhos se basearam nos padrões sistemáticos de variação. Desse modo, precisamos entender, antes de tudo, que uma língua possui regras categóricas ou obrigatórias e regras variáveis. As primeiras não têm exceção e nem mudam, enquanto as segundas são a variabilidade de uma determinada regra segundo o contexto situacional. Em outros termos, toda língua do mundo, independentemente de como ela se apresenta, possui uma organização estrutural, gramatical que lhe permite ser a ferramenta de comunicação de quem a usa. Por esse fato, é imperativo que se faça um recorte de uma dada regra variável do sistema linguístico no qual estamos inseridos. Assim, os fatores como situação socioeconômica, faixa etária, gênero, grupo étnico, lugar de origem, escolarização, redes de relações sociais e outros são imprescindíveis para quantificar a frequência de uma variável dentro de um sistema linguístico de uma determinada comunidade de fala. Porque, segundo Freitag e Lima (2010, p. 47):

Uma comunidade de fala se caracteriza não pelo fato de se construir por pessoas que falam do mesmo modo, mas por indivíduos que se relacionam, por meios de redes comunicativas diversas, e que orientam seu comportamento verbal por um mesmo conjunto de regras constituindo uma norma linguística.

Por seu turno, a pesquisa interpretativista tem seu surgimento vinculado à necessidade de suprir as faltas deixadas pela pesquisa positivista. Em outras palavras, o paradigma interpretativista emergiu de uma crítica ao paradigma positivista provocada pela escola de Frankfurt. O principal argumento era o de que

o pesquisador não pode apenas observar o mundo sem levar em consideração as práticas sociais que são vetores imperativos de significados vigentes da ação humana. Ele não se propõe testar as relações de causa e consequência entre fenômenos, tampouco gerar leis casuais que podem ter alto grau de generalização, mas se preocupar em entender, interpretar fenômenos sociais inseridos em um determinado contexto ou ambiente no qual há uma atuação direta do ser humano (Bortoni-Ricardo, 2011). Então, para sua realização efetiva, todos os aspectos, até os mínimos detalhes, são imprescindíveis para a interpretação de qualquer fenômeno, desde o momento que o ser humano seja o elemento central.

Desse modo, estabeleceram-se alguns métodos importantes do interpretativismo, tais como a pesquisa etnográfica, a observação participante, o estudo de caso, o interacionismo simbólico (Bortoni-Ricardo, 2014; GIL, 2002). Por mais que cada método possa ser diferente em alguns pontos, todos eles têm a etnografia em comum. De fato, sem fazer uma incursão etnográfica na comunidade a ser estudada, não podemos entender as práticas sociais para interpretá-las. Em realidade, o termo “etnografia” se reporta a uma descrição de povo, grupo, comunidade organizados com comportamentos, costumes, crenças, convicções compartilhadas entre si (Angrosino, 2009). Todo esse conjunto constitui a cultura que é o traço caracterizante desse grupo (Dell Hymes, 1972) e define essa cultura como algo que representa tudo aquilo que as pessoas precisam conhecer e tudo em que precisam acreditar a fim de operarem de uma maneira legitimada pelos membros da sociedade. Essa definição é bastante interessante no sentido de trazer todo um arcabouço de conhecimentos criados e modelados por uma sociedade. Assim, nas comunidades Fon, tudo aquilo que representa uma prática social e que as pessoas conhecem foi um construto social elaborado e refinado com o passar do tempo. Essas práticas que constituem o *proprium africanuum*, segundo Aguessy (1977) e Apovo (1995), representam o conjunto de todas as práticas que caracterizam aquelas comunidades, ou seja, são as práticas que fazem a vida e das quais depende o equilíbrio entre o visível e o invisível.

Dito isso, o interacionismo simbólico, o norte do nosso trabalho, que foca na dinâmica, mudança contínua da vida social na qual as pessoas são agentes ativos,

ajuda-nos a entender e a interpretar dados recolhidos na nossa incursão etnográfica. De fato, as pessoas aprendem códigos que representam símbolos que são compartilhados através de interações em um grupo social específico (Agrosino, 2009). Com esses símbolos ou mecanismos de comunicação, as pessoas desempenham suas atividades e estabelecem relações sociais. O objetivo é adentrar esses símbolos de comunicação que proporcionam ou condicionam a aparição do francês em uma interação em língua Fon. Para tanto, é preciso referir-nos ao conceito de pistas de contextualização desenvolvido por Gumperz (1998), a noção de contexto elaborado por Hanks (2008) e as noções de *footing* e de fachada desenvolvidas por Goffman (2011; 1998). Vale ressaltar que todos esses conceitos levam em conta o meio de acontecimento das interações o que nos leva a priorizá-los, porém traremos também outros aspectos que não são ligados diretamente ao contexto de fala, mas que proporcionam ou condicionam o CS nas cidades de referência.

Partindo dessas duas perspectivas teórico-metodológicas, na efetivação dessa incursão etnográfica, o passo elementar centrou-se na pesquisa de campo para coleta de dados reais para investigação. Com esse propósito de coleta, e com a vantagem de sermos naturais do Benim, falantes de Fon e de Francês, com amplo conhecimento sobre a sociohistória e as vivências das comunidades beninenses, escolhemos três grandes cidades com representatividade histórica e populacional notável. São elas: Cotonou, Abomey-Calavi e Abomey.

2. Comunidades Fon estudadas

Neste item, inicialmente, gostaríamos de destacar que a maioria dos dados apresentados são o fruto do quarto censo da população realizado no ano 2013. Esse estudo dirigido pelo Instituto Nacional de Estatística e de Análise Econômica (INSAE) será a base da nossa discussão a partir de agora. Qualquer dado tirado de outra fonte será mencionado com as referências daquela fonte. Precisamos ressaltar, aqui também, que a República do Benim era chamada de Danxomé ou Daomé antes dos anos 1975. Quando o governo revolucionário entrou, em 1972,

decidiu mudar de nome do país para que todos os grupos etnolinguísticos se sentissem contemplados na nova apelação do país, porque Danxomé remetia exclusivamente ao antigo reino que durou 3 séculos no sul do país. Para tanto, era preciso um nome neutro no qual nenhum grupo etnolinguístico pudesse reivindicar exclusivamente o direito de identidade.

Para o trabalho de campo em apreço, selecionamos comunidades de Língua Fon do Benin, mais especificamente aquelas presentes nestas três cidades beninenses: Abomey Calavi, Abomey e Cotonou. Essas cidades serão apresentadas nas linhas que se seguem.

Abomey Calavi – A cidade de Abomey-Calavi era um ponto estratégico do antigo reino de Abomey. Devido a sua proximidade de Cotonou, que era o polo do comércio em que os ocidentais exerciam diversas atividades comerciais, Abomey Calavi facilitava a vigilância sobre as ações dos ocidentais que já não eram mais confiáveis aos olhos dos últimos reis. Nos dias atuais, essa cidade é uma das mais populosas do país. Essa característica fez com que ela recebesse o nome de cidade dormitório, porque a maioria dos habitantes não trabalham em Abomey Calavi, uma parcela considerável tem suas atividades remuneradas desenvolvidas na cidade de Cotonou, que fica a alguns quilômetros.

Do censo realizado em 2002 ao censo realizado em 2013, a população de Abomey Calavi dobrou segundo as estatísticas do INSAE. Esse aumento dos números não quer dizer que a população que estava lá em 2002 se multiplicou exponencialmente, mas que outras pessoas que moravam em outras partes do país imigraram para lá devido a urbanização e a construção dessa cidade, o que não tem em outras cidades como Cotonou que era a cidade mais populosa do país. Com isso, em 2013, notou-se uma população total de 117 824 habitantes que dormem e vivem. Desse número, 59 814 eram homens e 58 010 eram mulheres, o que leva a ter uma média de 4,2 pessoas em cada família com um número total de 27 862 famílias que fazem a vida da cidade.

A escolha dessa cidade para coletar dados se deu pelo fato de que, historicamente, essa cidade possui laços com as realidades do reino de Abomey e

tem uma grande população nativa Fon misturada com uma população não nativa, mas falante da língua Fon. Tudo isso fez com que ela fosse uma cidade importante para cumprir nosso propósito

Abomey – A cidade de Abomey representa hoje, na divisão cartográfica do país, um município. Nos tempos reais, ela era a capital central do reino de Daomé, onde todos os reis construíram seus palácios. Era o lugar onde todas as grandes decisões eram tomadas e grandes feitos ocorriam. Com essa nova divisão, podemos dizer que ela perdeu um pouco do seu prestígio. Porém a população continua se referindo à cidade como sendo Abomey, apesar de os nomes de cidades que existem nessa divisão não serem os mesmos. Nesse sentido, trabalharemos com Abomey por mais que não tenhamos dados em todas as cidades do município.

A população atual de Abomey é estimada a 92.266 pessoas que compõe 43.538 pessoas de sexo masculino e 48.728 pessoas de sexo feminino. Existem 20.463 famílias e uma média de 4,8 pessoas por família. Abomey representa, dessa forma, um dos grandes municípios do departamento de Zou onde quase toda a população é falante nativa Fon. Devido a sua história e tudo o que o reino representa na vida social e no imaginário beninense, não podíamos fazer nosso trabalho sem coletar dados nessa grande cidade que marcou a vida do país.

Cotonou – As origens da cidade de Cotonou remontam à época colonial no Benim. Quando os ocidentais chegaram e se estabeleceram, fizeram dele o lugar predileto de comércio aos modos ocidentais. Viam nele um lugar estratégico, perto do mar e longe dos olhos da realeza, o que facilitaria suas empreitadas de conquista. Passaram muito tempo fazendo o comércio, e tinham apenas a obrigação de pagar um imposto anual de 20.000 francos. Nos dias atuais, essa cidade continua sendo o centro econômico do país onde o comércio é muito desenvolvido. Também, sua importância econômica se dá pelo fato de que o palácio governamental, todos os ministérios e todas as sedes dos organismos internacionais se encontram lá. É a cidade de referência onde tudo acontece. É, sem dúvida, a maior cidade do país em termos demográficos. Na divisão geográfica, ela foi colocada como um

departamento³, cujo nome é Littoral, devido a esse número impressionante de habitantes.

Com uma população de 679.012 pessoas em 2013, nota-se 325.872 homens e 353.140 mulheres com uma média de 4,1 membros por família, cujo número total é estimado a 166.433. De acordo com o número e com a história da cidade diretamente ligada ao reino de Abomey e com sua importância socioeconômica e política atual, Cotonou representa um lugar muito importante para coleta de dados pertinentes ao nosso propósito.

3. Coleta de Dados e Experiências em Campo

Os dados para cumprir nossos propósitos foram coletados em duas etapas. Motivos profissionais nos levaram à primeira ida a campo e aproveitamos a oportunidade para reunir um número importante de dados. Porém, ao longo dessa coleta, deparamo-nos com outra realidade que não tínhamos considerado na elaboração do projeto de pesquisa de campo. De fato, a primeira proposta era de trabalhar apenas com os jovens para entender tudo o que proporciona o uso alternado do Fon e do Francês em interações cotidianas das comunidades beninenses. Porém, percebemos que esse fenômeno linguístico não acontece apenas com os jovens; está presente em todas as esferas da vida social independentemente de idade, em diversos níveis de realização. Ainda é interessante ressaltar que esse fenômeno está também presente nas interações de quem nunca frequentou nenhuma escola no decorrer da sua vida. Tudo isso nos levou a reconsiderar o nosso público alvo e a não colocar um limite de idade para a coleta.

Nas duas etapas da coleta, realizamos entrevistas nas quais a língua de interação foi o Fon, posto que o acesso a partir da língua materna é o mais facilitado nas comunidades beninenses. Conforme sinaliza Duarte (2004), as entrevistas facilitam o entendimento, os valores e sistemas classificatórios, as crenças e as práticas de um grupo bem definido. Na primeira etapa, as entrevistas estavam organizadas em módulos estruturados em perguntas e respostas. Todavia, na

³ No Benim, a divisão territorial é Estado-Departamentos-Municípios-Cidades-Bairros

segunda etapa, fizemos uma incursão etnográfica, participando diretamente das conversações com os informantes. Essa incursão foi preciso para observar a competência comunicativa dos falantes, que é definido como sendo aquilo que “habilita o falante a comunicar-se de modo aceitável com qualquer interlocutor, de seu grupo social ou da sociedade mais ampla, investido de qualquer papel social que lhe foi atribuído” (Bortoni-Ricardo, 2011, p. 88). Nessa etapa, nada do contexto situacional foi desconsiderado; tudo o que esteve presente no ambiente da fala, de pessoas a acontecimentos, foi privilegiado. Essa ação teve como objetivo entender todos os aspectos que contribuíam para que os informantes se sentissem mais interessados em usar o CS do que levar uma conversação em uma única língua das duas propostas no nosso trabalho, o Fongbé ou Fon e o Francês.

Para detalhar a realização do nosso trabalho de campo na primeira e na segunda idas, colocaremos um acento particular sobre os paradigmas que motivaram a coleta, a escolha dos participantes, o contato com os participantes e o contexto de coleta dos dados. A seguir, apresentaremos aspectos relevantes da primeira e da segunda etapas da ida a campo.

Primeira Etapa – A nossa primeira ida ao campo foi motivada pela lógica do paradigma quantitativo, como descrevemos anteriormente. Fomos com um planejamento fixo de como recolher os dados para que pudéssemos cumprir o nosso propósito inicial. Como queríamos apenas trabalhar com os jovens, colocamos como idade máxima 35 anos. Mas tivemos também o tempo de categorizar e de dividir as faixas etárias das pessoas que queríamos entrevistar ou conversar. Toda essa categorização foi feita de acordo com o sexo, a escolaridade e a classe social. A hipótese era a de que as influências poderiam depender da escolaridade, do sexo, da classe social e da idade dos jovens.

A primeira descoberta com esse nosso planejamento foi que não há como classificar as pessoas por classes sociais claras, como é fácil fazer em outros países. Se entendemos que a classe social tem a ver primeiramente com acesso a bens materiais, é quase impossível medir isso com as pessoas no Benim. A lógica da vida social é completamente diferente da lógica da vida social em outros lugares. No

Benim, desde a época real, a vida comunitária sempre foi a base de convívio e por isso que as famílias são grandes. Depois das independências com a empreitada de modernização da vida social, essa lógica antiga de comunidade prevaleceu e está ainda nos comportamentos sociais e individuais de cada homem e mulher de cada grupo etnolinguístico. A única ferramenta que tivemos para falar de classe social era o cargo político ou administrativo das pessoas porque essas teriam mais facilidade e condições de possuir bens materiais. Lá, também percebemos que, por mais que algumas pessoas não tenham cargos políticos ou administrativos, possuem bens materiais e têm acesso a lugares importantes. Por exemplo, quase todo mundo tem sua própria casa ou tem lote pronto onde pretende construir sua própria casa um dia. Além disso, entendemos que, quando uma pessoa tem problemas, por exemplo, de saúde que necessite uma cirurgia, a família e os amigos podem se mobilizar contribuindo financeiramente para que essa pessoa consiga fazer tal cirurgia para se salvar. Então, esses são as realidades sociais com quais nos deparamos.

Tentamos respeitar rigorosamente o nosso plano, escolhendo exatamente os participantes de acordo com as características que colocamos no planejamento inicial para que conseguíssemos o número estipulado de pessoas para compor nossa amostra estratificada. Íamos à procura de pessoas que se encaixavam nos nossos padrões de escolha, o que era difícil de se realizar devido à dificuldade de encontrar alguém com todas as características pretendidas que tivesse disposição e disponibilidade para ser entrevistado. Desse modo, não conseguimos coletar os dados com o número de participantes que previmos na primeira ida a campo.

A maioria dos dados que coletamos nessa primeira ida foi por meio de entrevistas. Elas foram realizadas com dois ou três interatantes ou, ainda, com grupos maiores de pessoas convidadas. Precisávamos fazer com que as pessoas se sentissem à vontade para falar sem deixar transparecer que estávamos querendo analisar as suas falas. Colocávamos nossos interesses sobre outras coisas ou outros assuntos que poderiam interessar as pessoas como, por exemplo: falar da vida política do país, a história dos *Voduns*, a importância dos jovens no desenvolvimento rápido do país, entre outros. Com os módulos de entrevistas baseados nesses assuntos, os jovens se mostravam dispostos a conversar e dar suas opiniões. No final

de cada entrevista, revelávamos o nosso propósito, visando autorização para uso de suas conversas em nosso estudo.

É importante destacar, nesse ponto, que notamos, logo no início do nosso trabalho de campo, que as entrevistas com duas ou mais pessoas ou mesmo em grupos não nos trariam os dados naturais necessários para o tratamento de um fenômeno que pressupõe interação o mais espontânea possível entre os interactantes, como é o caso do Code Switching. Além disso, no desenrolar das entrevistas e conversas entre as pessoas a partir de uma pergunta nossa, percebemos que a observação não-participante imposta pelo *paradoxo do observador* poderia limitar nossa coleta de dados de um fenômeno interativo tão amplo como o que estava sendo tratado. Dessa forma, após a primeira ida a campo, de posse das novas informações que descobrimos e que deveríamos levar em conta para o êxito do nosso trabalho, achamos imprescindível repensar e redefinir o que seriam os dados, quem poderia participar dessa pesquisa e quais seriam os novos procedimentos ou nova metodologia para coleta.

Segunda Etapa – Refletindo sobre como poderia ser a segunda etapa em campo, primeiramente, concordamos que, ao usar exclusivamente o paradigma quantitativo como mencionamos, estaríamos deixando de lado muitos aspectos socioculturais para os quais apenas o paradigma qualitativo poderia oferecer ferramentas e métodos para entender e explicar. Desse modo, fomos a campo pela segunda vez tendo em mente uma abordagem metodológica qualitativa numa perspectiva interacionista, o que pressupõe uma postura não apenas observadora, mas também ativa do pesquisador no meio pesquisado. Para isso, precisávamos coletar os dados nos seus contextos originais de acontecimentos, observando comportamentos socioculturais dos grupos participantes que favoreceriam o aparecimento dos dados bons para nossa pesquisa, isto é, aqueles ajudariam a entender, em estudo posterior a essas etapas da coleta em campo, o porquê do uso alternado do Fon e do Francês nas interações observadas das três cidades selecionadas.

Para tanto, precisávamos redefinir as pessoas que poderiam participar da

coleta dos dados e com as quais poderíamos conseguir recolher o máximo de dados possíveis. A essa altura, havíamos desistido de nos restringir apenas aos jovens e de levar em conta toda a população para versar o fenômeno. Assim, não achamos mais importante classificar nossa amostra de acordo com o perfil dos participantes, apenas procurar pessoas que demonstrassem disposição e disponibilidade de participar do nosso empenho acadêmico. Dessa maneira, conversamos com pessoas de diferentes perfis quer seja ele etário, social, político ou até mesmo espiritual. Isso facilitou a coleta de dados que não tínhamos pensado, ou seja, conseguimos mais elementos de qualidade relativos ao uso simultâneo de ambas as línguas.

Os participantes selecionados foram pessoas com perfis social e econômico diversos. Conversamos com jovens universitários, adolescentes do ensino médio, pessoas de terceiras idades aposentadas ou não (os que nunca trabalharam na administração pública), pessoas adultas trabalhando ou não na administração pública, pessoas com cargos religiosos específicos, entre outros. De acordo com essa variedade de pessoas, conseguimos compor uma amostra que consideramos significativa e bastante representativa do fenômeno que ensejávamos registrar.

Para o êxito da nossa atividade de coleta, foi preciso participar ativamente de todas as conversas que deveriam servir de base. Para isso, tivemos de acionar nossas relações sociais. Fomos às casas das pessoas, de visita como se faz frequentemente no país, para estabelecer conversas cotidianas normais. Nisso, vivemos várias situações pessoais das famílias; as alegrias de diversos níveis e as tristezas de graus diversificados. Em uma dessas famílias, passamos todo o processo da morte de um jovem de quase 25 anos. Ele tinha anemia falciforme, doença que ataca geralmente as pessoas negras. Esse jovem estava sentindo dores há mais de 24 horas, que eram normais quando ele não bebia muita água para facilitar a circulação fluída do sangue. Quando as dores começaram, ele tomou seus remédios e bebeu água suficientemente. Ele se sentiu melhor o dia todo, mas sem muito ânimo para fazer nada, ficando o tempo todo deitado no quarto da mãe. O dia seguinte pela tarde, de repente ele desmaiou e foi levado ao hospital onde não resistiu; era o dia 10 de julho de 2019 entre 17 e 18 horas. O restante da família foi chamada para uma reunião urgente para decidir o dia e o lugar onde esse jovem deveria ser enterrado, porque

quando uma pessoa morre, toda a família deve ser avisada, para que tudo seja feito de acordo com as suas normas, já que o falecido pertence à toda família. Essa reunião tinha também como propósito de reunir o dinheiro suficiente, com a contribuição de todas as pessoas que trabalham na família, para fazer tudo o que deveria ser feito ritualisticamente, antes, durante e depois do enterro. Quatro dias depois do infeliz acontecimento, o jovem foi enterrado. Após o enterro, a família teve outra reunião para rever tudo o que foi feito e combinar o dia de fazer os últimos rituais para o defunto. Devido a nossa proximidade com a família, participamos desse processo e ajudamos na medida do possível.

Na lógica da nossa dedicação, vivemos uma outra situação muito interessante dentro das famílias que julgamos importante destacar. No Benim, os nomes de família têm toda uma história por trás do ato de “nomear”, porque quando se fala de família, se fala da primeira pessoa que ganhou o nome até o recém-nascido desta família. Isso que se chama de linhagem (Ahanhanzo-Glèlè, 1974). O primeiro a receber o nome o recebe porque esse nome é uma característica daquela pessoa, como, por exemplo, quando a pessoa tinha uma força incrível para ajudar nas guerras de conquistas. Desse modo, pedíamos aos membros das famílias contarem essas histórias familiares. Eles o faziam com simplicidade, empenho e muito prazer. O mais encantador era a precisão das explicações e o envolvimento toda vez que cantam canções dedicadas ao elogio da linhagem, e notamos o mesmo envolvimento quando recitam o que se chama no Benim, em língua Fon, de *Akô*. É quase uma poesia que todas as famílias, sobretudo na região sul do Benim, têm para se lembrar dos grandes nomes da família ou para cantar a importância das lutas das primeiras pessoas das famílias. Isso é tão importante que tem uma relevância grandíssima nas famílias nucleares. Por exemplo, conta-se que o marido deve conhecer o *Akô* da esposa e vice-versa. Um pode recitar para acalmar o outro quando este está por exemplo chateado com alguma coisa que o primeiro fez. Um tipo de pedido de desculpas. Essa poesia tem um valor emocional muito importante, mas também um valor espiritual imprescindível. Por isso que todos os filhos devem saber recitá-la.

Para não ficar apenas no âmbito familiar correndo o risco de limitar demais a qualidade dos nossos dados, decidimos chamar os sujeitos para saídas normais de

amigos ou para visitas em casa. Isso resultou em conversas informais e descontraídas porque o contexto era propício para tanto. Os amigos nos contavam seus planos de vida, o andamento de suas vidas, os seus problemas de vida, as suas alegrias de vida entre outros. Reconhecemos que, para que as pessoas contassem esses tipos de histórias, é imperativamente preciso que elas confiassem no interlocutor. Ressaltamos isso que para os prováveis futuros pesquisadores que desejarem fazer trabalho de campo no Benim, observem que é preciso conseguir que as pessoas se sintam seguras e se tornem amigas.

Benim é um país muito espiritual na África do Oeste, na sua materialidade, devido às práticas e às crenças do invisível. A espiritualidade é algo normal no Benim e todo mundo sabe e está ciente disso, porque antes de qualquer coisa, essa espiritualidade é que rege as famílias e toda família (linhagem) se sustenta a partir das práticas ritualísticas e espirituais. Não importa que a pessoa seja adepta das religiões ocidentais, sua crença para as práticas espirituais tradicionais é imprescindível. Diversos autores (Aguessy, 1977; Dossou, 1994; Koudjo, 1988; Apovo, 1995) ressaltaram em vários momentos essas crenças e as práticas espirituais e cotidianas dos beninenses. Isso nos levou a mergulhar no mundo dessas práticas para que nossos dados sejam mais interessantes. Assim, fomos fazer uma coisa que é normal para a maioria dos beninenses: consultar o *Fâ*. Consultar o *Fâ*, em português, no mundo das religiões de matriz africana do Brasil seria “jogar”. O *Fâ* é uma consulta divinatória que sabe interpretar o passado para explicar o presente e prever o futuro (Apovo, 1995). É uma prática muito importante para qualquer pessoa saber como deve andar na vida e o que deve ou não deve fazer, para ter uma vida estável. Porque é claro que o visível existe, mas o invisível que faz o visível e, portanto, devemos saber quais são nossas obrigações em relação ao invisível. Nesse sentido, fomos consultar o *Fâ*, não para coletar dados, mas a coleta de dados terminou por ser um benefício que a pessoa que consulta nos concedeu. Com efeito, pedimos para gravar as falas dele para não esquecer, já que é todo um processo de explicação que ele tem de adotar, pelo simples fato de que os não iniciados ao *Fâ* não possuem todos os recursos espirituais de interpretação. Então ele precisava realizar um processo de exemplificação e de explicação para que

podéssemos entender o que estava nos revelando.

O último contexto de coleta de dados que foi fundamental para o nosso mergulho em campo se deu através de uma ajuda nossa a uma outra pesquisadora brasileira que encontramos. Com efeito, essa pesquisadora foi ao Benim para investigar Religião e Política desde a época do governo revolucionário até a Conferência das Forças Vivas da Nações que marcou o fim desse regime revolucionário. Ela falava francês fluentemente, porém não tinha domínio da língua Fon, que era usada pelas pessoas com quem ela queria conversar. Assim, propusemo-nos a ajudar desempenhando o papel de tradutor e em contrapartida podíamos usar também as gravações. Trato muito bom para ambos, pois almejávamos dados diferentes com as mesmas gravações. Nós fazíamos as perguntas que a colega queria e, quando o entrevistado respondia, traduzíamos para o português à pesquisadora. Isso facilitou e nos ajudou a todos, pois ela tinha as informações sobre religião e política e nós tínhamos as falas espontâneas dos entrevistados. Isso porque precisávamos que as falas acontecessem da forma mais natural possível, sem isso, não podíamos ter certeza da precisão dos dados e de sua relevância.

Considerações Finais

Além de ter a finalidade de mostrar a metodologia adotada no trabalho de campo e os rumos da pesquisa de campo no Benin, esse artigo buscou apresentar características sociodemográficas e socioculturais das comunidades de falantes Fon. Norteados pelas perguntas “como foi coletar dados de interação dentro desta comunidade? E o que precisamos saber para cumprir esse propósito?”, esse trabalho nas comunidades de língua Fon em três cidades do Benin – Cotonou, Abomey-Calavi e Abomey – nos mostrou que, mais do que coletar dados em um trabalho interativo e respeitoso com as comunidades pesquisadas, o que fizemos foi um trabalho de vivência intensa e muito significativa para nossa jornada acadêmica e pessoal, além de toda contribuição trazida para os estudos linguísticos com o presente relato de experiência de pesquisa de campo em etapas metodológicas

necessárias e, nesse sentido, complementares. Nesse caminho, chegamos à conclusão de que o que precisamos saber para cumprir o propósito de coletar dados interacionais é que a compreensão ou o entendimento sociocultural da comunidade e a adequação cultural por parte de quem realiza a pesquisa, sendo natural ou estrangeiro ao meio, são essenciais para a recolha de dados nos quais a naturalidade da fala e a realidade exuberante da cultura de um povo se mostrem em seu sentido mais pleno.

Referências

- Aguessy, H. (1977). "Visões e percepções tradicionais". Em: Balogoun, O; Aguessy, H; Diagne, P; y Sow, A. I. (Ed), *Introdução à Cultura Africana*. Lisboa, Portugal: Edições 70.
- Ahanhanzo-Glele, M. (1974). *Le Danxomè : du pouvoir aja à la nation fon*. Paris, France: Nubia.
- Angrosino, M. (2009). *Etnografia e observação participante*. Porto Alegre, Brasil: Artmed.
- Apovo, C. J-M. (1995). *Anthropologie du Bo: Théories et pratiques du grigri*. Paris 5. Paris, Francia.
- BORTONI-RICARDO, S. M. (2014). *Manual de Sociolinguística*. São Paulo, Brasil: Contexto.
- Bortoni-Ricardo, S. M. (2011). *O Professor Pesquisador: uma introdução à pesquisa qualitativa*. São Paulo, Brasil: Parábola Editorial.
- Dossou, F. C. (2019). *Ecriture et oralité dans la transmission su savoir*. En: Hountondji, P. (Ed), *Les savoirs endogènes*. Pistes pour une recherche. Cotonou, Bénin: Star Editions.
- Duarte, R. (2004). "Entrevistas em pesquisas qualitativas". *Educar em revista, vol. 20, no 24*, p. 213-225.
- Fadaïro, D. (2001). *Parlons Fon*. Paris, Francia: L'Harmattan.
- Freitag, R. M. K. y Lima, G. de O. S. (2010). *Sociolinguística. São Cristovão*, Brasil: Centro de Educação Superior a Distância.
- Goffman, E. (1998). "Footing". En: Ribeiro, B. T. y Garcez, P. M. (Ed), *Sociolinguística Interacional*. Porto Alegre, Brasil: Age.
- Goffman, E. (2011). *Ritual de interação: ensaios sobre o comportamento face a face*. Petrópolis, Brasil: Vozes.

- Gumperz, J. J. (1998). "Convenções de contextualização". En Ribeiro, B. T. y Garcez, P. M. (Ed), *Sociolinguística Interacional*. Porto Alegre, Brasil: Age.
- Gil, C. A. (2002). *Como elaborar projetos de pesquisa*. São Paulo, Brasil: EDITORA ATLAS S.A.
- Hakibou, A. (2017). "Borrowing and Code-switching as linguistic phenomena in a multilingual community: the case study of Baatɔnum (Bariba), French and English in the north-eastern border of Benin". *Journal Of Humanities And Social Science (IOSR-JHSS)*, Volume 22. pp. 52-58.
- Hanks, W. F. (2008). *Língua como prática social: das relações entre língua, cultura e sociedade a partir de Bourdieu e Bakhtin*. Org. y Tradución: Bentes, A. C. Rezende, R. C. Machado, M. A. R. São Paulo, Brasil: Cortez.
- Hymes, D. (1972). "On communicative competence". In: Pride, J.B. H. J. (Ed), *Sociolinguistics*. London, Inglaterra: Penguin.
- Insa. (RGPH-4, 2013). Effectifs de la population des villages et quartiers de ville du Benin Cotonou, Bénin.
- Koudjo, B. (1988). "Parole et musique chez les Fon et les Gun du Bénin : pour une nouvelle taxinomie de la parole littéraire". *Journal des africanistes*, tome 58, fascicule 2. pp. 73-97.
- Sanni, A. M., Atodjinou, C. M. (Mayo, 2012). État et dynamique des langues nationales et de la langue française au Bénin. Rapport de Recherche de Observatoire démographique et statistique de l'espace francophone (ODSEF) Québec, Canada.
- Tossa, C. Z. (1998). "Phénomènes de langue dans le parler fongbé-français". *Reuves des linguistes de l'Université Paris X Nanterre*, tome 38.